



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

QUESTÕES DE LETRAMENTO LITERÁRIO NO CONTEXTO ESCOLAR

Mestranda Fabiana Pereira de Morais
Universidade Federal de Campina Grande
fabymorais5@hotmail.com

Profa. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias
Universidade Federal de Campina Grande
daiselilian@hotmail.com

Resumo: As discussões propostas neste trabalho surgem a partir da observação de como a literatura vem sendo negligenciada nos últimos anos em nossas escolas, principalmente no ensino fundamental II. Nesse nível de ensino não há um programa específico de literatura. Assim, os textos literários são diluídos em outros conteúdos e trabalhados como os demais gêneros textuais que circulam na escola, sem que suas especificidades sejam consideradas. Nesse sentido, procuramos aqui discutir o letramento e seu caráter plural a fim de compreender como a escola, enquanto agência de letramento deve operar para promover, dentre outros, o letramento literário, realizando uma abordagem do texto literário que tenha como objetivo principal a experiência com a literatura e sua diversidade, que ela seja encarada como uma prática social e integre a vida dos alunos, não se limitando ao espaço escolar. As reflexões crítico-teóricas serão pautadas em Kleiman (2005), Soares (2006), Cosson (2007), Rangel (2007) Rojo (2009) Colomer (2007), Chiaretto (2007) Zilberman (2007), dentre outros. Esses autores, além de proporcionar o aparato teórico necessário à fundamentação desse trabalho, também asseguram a relevância de se trabalhar na perspectiva do letramento, considerando as especificidades de cada texto que circula nos diversos meios sociais, bem como sua abordagem em sala de aula. Com esses autores, podemos considerar que, para proporcionar o letramento literário, a escola precisa redimensionar o trabalho com a leitura literária, tornando-o dinâmico, interativo e prazeroso. A interação oportuniza o diálogo com e sobre o texto, o confronto de posições e a discussão sobre os seus sentidos possíveis.

Palavras-chave: Leitura literária, professor, formação do aluno/leitor, letramento literário.

INTRODUÇÃO

Este artigo faz parte de discussões preliminares acerca de letramento literário, desenvolvidas durante disciplinas do PROFLETRAS/UFCG, no Campus de Cajazeiras/PB, especificamente “Leitura do Texto Literário” e “Literatura e Ensino.” Busca-se aqui fazer um levantamento bibliográfico acerca desta temática por demais debatida tanto dentro quanto fora do universo acadêmico, uma vez que a sociedade brasileira passa pela chamada “crise na leitura”, no caso mais específico, a literária.

O objetivo central das discussões que aqui serão arroladas é descortinar fatores que tem causado o impedimento da efetivação da promoção do letramento literário no universo acadêmico nacional, na busca por sugestões e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

teorias que deem suporte à figura do professor, tão confrontada neste processo de ensino de literatura. É digno de nota que a tarefa é por demais difícil para ser posta a efeito quando não existe sequer uma disciplina literatura no contexto escolar brasileiro, de modo que o professor de língua portuguesa tem que se equilibrar para trabalhar literatura juntamente com a disciplina de língua portuguesa.

METODOLOGIA

Neste artigo discutiremos, por exemplo, as origens e algumas implicações do termo letramento, o papel da escola na sua promoção, buscando investigar os problemas que tem impedido que se leve a efeito e à contento, a efetivação do letramento literário, foco deste trabalho. Para melhor fundamentar as discussões, tomaremos como base, os estudos de Kleiman (2007), Soares (2006), Rangel (2007) e Colomer (2007), dentre outros.

Esta etapa de levantamento do estado da arte é fundamental para o aluno do PROFLETRAS que, na verdade, é um professor concursado, atuante no ensino fundamental, com lacunas advindas de cursos de letras com matrizes curriculares que não contemplam devidamente a questão do ensino de literatura. De modo que fazer o reconhecimento do que se está debatendo acerca do assunto, mune o professor e o desperta para novas práticas, impelindo-o a repensar suas metodologias de ensino do texto literário.

RESULTADOS

Esta pesquisa mostra que na década de 80 surgia no Brasil, ainda que timidamente, o termo *letramento* e, conseqüentemente, seu sentido como se conhece hoje. Segundo Soares (2006, p. 17), letramento é “[...] da versão para o português da palavra da língua inglesa literacy” – uma vez que não dispomos de tal termo dicionarizado. Mais importante, porém, do que a origem do termo é o que ele nomeia ou designa, pois o seu aparecimento está intrinsecamente relacionado às transformações de ordem social e cultural da nossa sociedade, no que se refere às novas exigências sociais de usos da leitura e da escrita. Kleiman (2005, p. 21) afirma que o termo surgiu “[...] para se referir a um conjunto de práticas de uso da escrita que vinham modificando profundamente a sociedade, mais amplos do que as práticas escolares de uso da escrita, incluindo-as, porém.”

Soares (2006), tratando o tema de uma forma um pouco mais didática, faz uma explicação e esclarece alguns conceitos como o de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

alfabetização, analfabetismo e alfabetismo – este sendo, muitas vezes, usado como sinônimo de letramento – que ajudam a compreender como o letramento tem características pontuais, específicas que remetem a uma transformação sócio-histórica das formas de uso da escrita. A autora descreve-o como “[...] o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e a escrever como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2006, p. 18). É essa apropriação da escrita que torna o sujeito capaz de usá-la adequadamente mediante as diversas situações sociais que a exigem. Por isso, é unânime a ideia de que não basta aos indivíduos saberem ler e escrever, ou seja, adquirirem a tecnologia da leitura – no sentido de decodificar e da escrita – no sentido de codificar, “[...] é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e escrita que a sociedade faz continuamente [...]” (SOARES, 2006, p. 20)

Nesse sentido, a leitura e a escrita na perspectiva do letramento assumem dimensões individuais e sociais, como podemos perceber na seguinte definição: “[...] letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais” (SOARES, 2006, p.72). Dessa forma, fica claro que a escola deve assegurar o desenvolvimento das habilidades e competências de leitura dos alunos aumentando seus níveis individuais de alfabetismo a fim de que possam participar de forma autônoma e crítica das mais diversas práticas sociais que demandam os usos da leitura e da escrita.

Os sujeitos letrados, ou seja, capazes de usar a leitura e a escrita com competência também são capazes de apropriar-se do conhecimento, de analisar situações, de criticar, de participar efetivamente da sociedade e da cultura. Acreditamos que as palavras de Soares podem resumir essa dimensão, não apenas social, mas também política e ideológica do letramento:

Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma outra condição social e cultural – não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura – sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente (SOARES, 2006, p. 37).

É preciso lembrar que a escola é um agente de letramento, mas não o único. Participamos cotidianamente de práticas e situações específicas que exigem habilidades de leitura e escrita cada vez mais complexas; fazemos parte de uma sociedade moderna que nos expõe a uma diversidade de gêneros textuais que se



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

utilizam não mais apenas da linguagem verbal, mas sim de uma multiplicidade de linguagens numa verdadeira semiose que nos desafia a todo o momento, enquanto leitores e produtores. Corroborando com essa afirmação, Rojo (2009, p. 11) destaca que: “As práticas sociais de letramento que exercemos nos diferentes contextos de nossas vidas vão constituindo nossos níveis de alfabetismo ou de desenvolvimento de leitura e de escrita; dentre elas as práticas escolares. Mas não exclusivamente.”

Dessa forma, levando em consideração a abordagem de Kleiman (2005), outra questão relevante, quando se fala sobre práticas de letramento, trata-se de seu caráter situado, que fora da escola são heterogêneas e contextualizada, pois é a natureza de cada situação social originada nas diferentes instituições que determina os objetivos, as intenções, as formas de realizar as atividades de linguagem, bem como os materiais e os recursos utilizados pelos participantes numa determinada prática de letramento. Na escola, entretanto, Kleiman (2005, p. 27) afirma:

[...] as práticas escolares que utilizam gêneros que se originaram em instituições de prestígio na sociedade, como a literária e a científica, são desvinculadas da situação de origem, ou seja, é característica da prática escolar ser indiferente à situação.

Em outras palavras, as práticas escolares que supostamente visam ao letramento são descontextualizadas, o que acarreta inúmeros problemas para os alunos, uma vez que os textos são apresentados sem que haja a mobilização adequada de estratégias de leitura que refaçam o caminho percorrido pelo texto até o momento da leitura. Nesse sentido, o trabalho com ensino de leitura e escrita em sala de aula deve levar em consideração as práticas sociais de letramento que os alunos participam fora da escola e, ao mesmo tempo, acrescentar outras que eles não têm acesso. Assim diz Kleiman (2005, p. 56 – 57): “Acima de tudo, no contexto escolar, o letramento implica o ensino de estratégias e capacidades adequadas aos diversos textos que circulam em outras instituições onde se concretizam as práticas sociais.”

O objetivo da escola deve ser, necessariamente, promover ou ampliar o letramento dos alunos, partindo das experiências e habilidades que já dispõem e ao, mesmo tempo, valorizando as práticas sociais nas quais os alunos estão envolvidos fora da escola. Por isso, muitos autores orientam que o trabalho - visando ao letramento - seja realizado através de projetos nos quais a escolha dos gêneros textuais parta de sua funcionalidade e utilidade na vida prática, assim, as atividades realizadas terão significado e contribuirão para o desenvolvimento das capacidades de interação dos indivíduos e, conseqüentemente, seu desempenho social.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Levando em consideração a discussão já realizada e as implicações pedagógicas do letramento, fica claro que é dever da escola operar com os mais diversos tipos de textos e formas de letramento, dentre eles, o literário que carece urgentemente de atenção.

DISCUSSÃO

Na perspectiva do letramento, “[...] a formação do leitor literário [...] visa [...] formar um leitor para quem o texto é objeto de intenso desejo, para quem a leitura é parte indissociável do jeito de ser e de viver” (RANGEL, 2007, p. 137 – 138). Como a escola deve proceder para alcançar tal objetivo é, sem dúvida, uma questão-problema que precisa ser discutida. Vale ressaltar que neste trabalho nos reportamos à escola como a principal agência de letramento da qual os alunos participam – apesar de não ser a única – mas lhe é delegada oficialmente a função de desenvolver a competência comunicativa dos alunos, de modo a torná-los capazes de usá-la adequadamente nas mais variadas situações de comunicação.

A questão problema - aludida anteriormente - está relacionada, principalmente, a como a escola vem tratando o texto literário e de que forma ela intervém para aproximar os alunos da literatura. A partir da assimilação da noção de letramento como os usos sociais da leitura e da escrita, a escola incorporou uma série de gêneros textuais, privilegiando excessivamente o caráter pragmático dos gêneros utilitários e, por outro lado, negligenciando os gêneros da esfera literária – tendo em vista seu caráter “não – utilitário” - ou tratando-os como os demais. Nesse novo contexto social, a literatura parece ter ficado à parte, sem que se encontrasse o seu lugar e sua importância. Colomer (2007, p. 104), tratando do percurso histórico da literatura, mostra como isso aconteceu a partir da segunda metade do século XX e discute a necessidade de sua existência na escola:

[...] Uma grande quantidade de discursos baseia-se em repetir que a mediação deve existir porque a literatura é importante para os humanos, e os adultos são responsáveis por incorporá-la às novas gerações. Portanto, se assistimos à afirmação renovada desta ideia é porque se está respondendo a um problema imediato: o da mudança das funções sociais da literatura durante a segunda metade do século XX e o da redução de seu espaço escolar em função da leitura “funcional”, do ensino da língua e das demais matérias do currículo. Assim, [...] a situação atual é que, graças à extensão da escolaridade, lê-se mais que nunca, mas o que se lê está longe de corresponder à literatura e a seus possíveis benefícios.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Não se está, de maneira alguma, achacando a noção de letramento, mas sim, algumas interpretações errôneas a seu respeito. Em todo caso, mais recentemente, essa questão parece estar sendo resolvida, na medida em que a noção de letramento vem sendo ampliada e toma dimensões plurais. Fala-se agora em letramentos que, de acordo com Paulino (2008, p. 56):

Talvez seja uma forma no plural o modo mais adequado de explicitar as diferenças entre as práticas de leitura, derivadas de seus múltiplos objetivos, formas e objetos, na diversidade também de contextos e suportes em que vivemos.

Nesse sentido, é preciso ter bem estabelecido que os procedimentos para promover o letramento literário devem ser específicos. Em outras palavras, o trabalho com a literatura – visando formar um leitor que a tome como parte de sua vida – deve levar em consideração as características peculiares ao objeto texto literário: a linguagem trabalhada de forma estética, que o diferencia de outros textos; seus entrelaçamentos e diálogos, construídos na tradição; o reconhecimento de gêneros e suas formas de composição. Tudo isso é importante para que o leitor tenha domínio do discurso literário, percebendo que está diante de uma leitura que amplia as dimensões de construção da sua própria língua, constituídas nas diferentes formas de dizer do texto literário, do como dizer, e da criação de mundos construídos com a palavra. O letramento literário possibilita um contato mais profundo com essas características intrínsecas à literatura:

É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito ou porque seja prazeroso, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, o instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem (COSSON, 2007, p. 30).

A literatura utiliza-se da escrita de forma particular, portanto, é uma prática de letramento já que introduz e desafia o indivíduo a apropriar-se dela. Estabelecer o conceito de letramento literário não é tarefa fácil, embora alguns estudiosos venham tratando do assunto a algum tempo, buscando sempre associar a noção de letramento literário ao que o letramento tem mais intrínseco, sem abandonar, obviamente, as especificidades da literatura. Nesse sentido, é importante conhecermos algumas dessas



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

tentativas de definição ou noções. Para Freitas (*apud* MELO e MAGALHÃES, 2009, p. 173): “Letramento literário é uma maneira de considerar e valorizar a imaginação ao vivenciar e criar acontecimentos; é um espaço de reflexão e fruição estética.” As autoras também apresentam sua visão sobre o tema, apontando a importância de inserir os indivíduos na esfera social da literatura, no nosso caso, os alunos. Para elas:

[...] o letramento literário configura a inserção dos indivíduos na esfera social da literatura. Esse fenômeno é uma maneira de compreender a realidade; uma maneira de inserir os indivíduos no mundo da leitura através de textos que proporcionem o “prazer de ler”; uma forma de tornar real o imaginário [...] (MELO e MAGALHÃES, 2009, p. 172 -173).

O ponto de vista citado acima é uma interpretação do que Chiaretto (2007) discute acerca do letramento literário num texto que aborda, entre outras questões, o texto literário como produto de mercado, consumível como os demais textos utilitários, num movimento mercadológico de efemeridade que contraria a natureza da literatura. O autor, também faz algumas considerações sobre como as editoras vem manipulando o texto literário, utilizando--se de estratégias que democratizam a literatura, mas o faz de maneira banal, quando deveria, na verdade, socializá-la. Encontramos, em Chiaretto (2007, p. 235), uma visão de letramento literário que engloba uma dimensão social e individual:

Grosso modo, enquanto processo social e individual, vê-se que tal modalidade de letramento acaba por relacionar a expressão que sintetiza de forma mais adequada os procedimentos geradores e capacitadores da apropriação do mundo da escrita literária pelos leitores vistos em todos os níveis, seja professor, seja aluno, sejam sobretudo os indivíduos inseridos precariamente nos círculos de educação formal.

À escola cabe democratizar a literatura, ou melhor, dessacralizá-la, como diz Zilberman (2007) num texto muito lúcido, no qual nos conta – num percurso histórico - a relação entre o livro didático e a literatura, mostrando que esta sempre esteve envolvida numa “aura” e acessível, por muito tempo, apenas às elites. A autora vai além, afirmando que com advento da perspectiva do letramento temos um problema em relação à formação do leitor:

Até um certo período da história do Ocidente, ele era formado para a literatura; hoje, ele é alfabetizado e preparado para entender os textos, ainda orais ou já na forma escrita, como querem os PCNs, em que se educa para ler, e não para a literatura. Assim nem sempre a literatura se



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

apresenta no horizonte do estudante, porque, de um lado, continua ainda sacralizada pelas instituições que a difundem, de outro, dilui-se no conceito vago de texto ou discurso (ZILBERMAN, 2007, p. 265 – 266).

CONCLUSÕES

Portanto, fica clara a importância da democratização da literatura através da escola, mas é imprescindível que esse processo seja feito de maneira consciente, assegurando aos alunos o direito à literatura de boa qualidade e de forma adequada. É, sem dúvida, um verdadeiro desafio para a escola e, mais especificamente, para o professor inserir o aluno nessa prática social de uso da escrita. Por isso é necessário que o professor tenha definido um projeto de leitura literária que, primeiramente, oportunizado aos alunos terem contato e conhecerem os textos literários, obviamente sem esse contato jamais se tornarão leitores. Não é preciso lembrar – na verdade é preciso – que muitos alunos só têm contato com o texto literário na escola, o que ratifica a crítica feita por Zilberman (2007), e outros, de que a literatura ainda é restrita a um grupo determinado em nossa sociedade. Em segundo lugar, é necessário considerar suas particularidades, trabalhando a literatura através de estratégias que desenvolvam habilidades tanto cognitivas quanto estéticas, para que os alunos tornem-se leitores capazes de interagir satisfatoriamente com os textos literários; alunos-leitores capazes de realizar suas próprias escolhas literárias de acordo com suas necessidades pessoais ou sociais; alunos-leitores para quem a literatura ressignifica o mundo e sua própria existência, em outras palavras – sintetizando em um termo corrente – um aluno-leitor proficiente.

Cosson (2007) discute que o letramento literário, realizado na/pela escola, deve ser um sistema organizado – estruturado em etapas, - que proporcione, principalmente na etapa de interpretação, a construção de uma comunidade de leitores que partilhe suas leituras e interpretações, ampliando assim as possibilidades de compreensão dos textos lidos:

[...] Na escola [...] é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. Trata-se, pois, da construção de uma comunidade de leitores [...] (COSSON, 2007, p. 66).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A relevância da leitura compartilhada e da formação de uma comunidade de leitores também é abordada por Colomer (2007), que mesmo sem mencionar o termo letramento literário, contribui, significativamente, para se vislumbrar esse processo como um espaço no qual seus participantes podem ampliar sua competência leitora, a partir da socialização de suas experiências com a literatura. A esse respeito afirma a autora:

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas (COLOMER, 2007, p. 143).

Nessa perspectiva, para proporcionar o letramento literário, em sua plenitude, a escola precisa redimensionar o trabalho com a leitura literária, tornando-o dinâmico e interativo. A interação oportuniza o diálogo sobre o texto, o confronto de posições, a discussão sobre os possíveis sentidos do texto – levando em conta as referências de cada um dos envolvidos, bem como seus conhecimentos linguísticos e extralinguísticos. Essa construção coletiva é enriquecedora, além de politizar, uma vez que os envolvidos no processo são instigados a opinar e a defender seu ponto de vista a partir da articulação de argumentos plausíveis – aqui há um intenso trabalho com a linguagem – também se sentem valorizados ao fazerem parte de uma comunidade que compartilha os mesmos interesses.

Como já foi afirmado, é função da escola promover o letramento literário, o que implica na escolarização e didatização da literatura, outro motivo de discussão entre estudiosos que tratam do assunto, no sentido de que há muitos problemas relacionados à forma como o livro didático a aborda. Essa questão suscita outras, a formação e o letramento.

REFERÊNCIAS

COLOMER, Tereza. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2007.

KLEIMAN, Angela B. *Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* Brasília/DF: MEC; Campinas/SP: Cefiel. Instituto de Estudos da Linguagem. Unicamp. Coleção Linguagem e Letramento em foco. Linguagem nas séries iniciais, 2005.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

KLEIMAN, Angela B. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas, SP: Pontes, 2000.

MELO, Livia Chaves de; MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. A literatura em sala de aula: investigando materiais de apoio didático. In: SILVA, Wagner Rodrigues; MELO, Livia Chaves (orgs). *Pesquisa e ensino de língua materna e literatura: diálogos entre formador e professor* Campinas, SP: Mercado de letras; Araguaína, TO: Universidade Federal do Tocantins – UFT, 2009.

OLIVEIRA, Thaís de; ANTUNES, Renata. Negligência na mediação do professor no trabalho de leitura. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro. *Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito*. São Paulo: Parábola, 2013.

OLIVEIRA, Tania Amaral et al. *Língua Portuguesa 9º ano (Coleção Tecendo Linguagens)*. São Paulo: IBEP, 2012.

RANGEL, Egon. Literatura e livro didático no ensino médio: caminhos e ciladas na formação do leitor. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (orgs). *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008. (Col. Literatura e Educação)

_____. Letramento literário e livro didático de língua portuguesa: “Os amores difíceis”. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (orgs). *Literatura e letramento: espaços suportes e interfaces - o jogo do livro*. Belo Horizonte: Autêntica/ CEALE/FaE/UFGM, 2007. (Col. Literatura e Educação).

_____. Livro didático de língua portuguesa: o retorno do recalcado. In: DIONISIO, Angela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). *O livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ZILBERMAN, Regina. Letramento literário: não ao texto, sim ao livro. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (orgs). *Literatura e letramento: espaços suportes e interfaces - o jogo do livro*. Belo Horizonte: Autêntica/ CEALE/FaE/UFGM, 2007. (Col. Literatura e Educação).

_____. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tânia M. K. *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

_____. *Que literatura para a escola? Que escola para a literatura?* Revista Desenredo - Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo – MG, v 5, n 1, p. 9-20, Jan./Jun. 2009.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br